

Lalíngua que ri♦

Marcus André Vieira

Contrapontos

Dois temas são cruciais para fazer presente o real da clínica lacaniana sem correr perigo de resvalar em uma sociologia lacaniana. Em contraposição ao tema - Falar com a criança -, nossa proposta foi discutir o que estamos chamando de *criança* e o que estamos chamando de *falar*.

Às modalidades que seguem na direção mais desenvolvimentista do ser criança - como um estado ou um momento em que se define uma posição subjetiva -, contrapusemos o infantil - como um gozo que não tem idade; não envelhece e nunca se torna adulto. Esse infantil, portanto, rima com o *fora do tempo do inconsciente*. Promover o infantil a partir desse lugar do qual o gozo opaco - feminino ou o do *sinthoma* - se apresenta, é reconhecer que são todos primos de um real que vai estar sempre ali, mas que não se deixa datar e nem apreender por categorias.

Às paixões tristes da cidade e dos algoritmos, contrapusemos *lalíngua*. De fato, em contraponto à multiplicidade de formações discursivas novas - os novos sintomas -, *lalíngua* não fala da criança, mas vibra do infantil, de uma multiplicidade viva de marcas de língua no corpo, como um alfabeto traçado no encontro com o Outro em cada um de nós. Com seu gozo especial, e sua alegria.

No âmbito do infantil como, fazer vibrar *lalíngua* não se trata daquilo que, em geral, se atribui à criança – liberdade, verdade ou ingenuidade. É preciso lembrar que *lalíngua* é o conjunto de fragmentos de inscrições de gozo do Outro no *infans* e que, em um segundo momento (apenas lógico), tem como resultado a possibilidade de transmissão da língua materna.

Fazer vibrar o infantil

No âmbito do real como infantil, o fazer vibrar *lalíngua* não se trata daquilo que, em geral, se atribui a criança – liberdade, verdade ou ingenuidade –, precisamos lembrar

♦ Difícil concentrar em um texto o que foi vivido como acontecimento - só podendo ser narrado no plano pessoal. Caso, porém, possa ser dada alguma validade à minha experiência, houve novidade nas Conversações Federativas do XII Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL): *Falar com a criança*¹. Tudo foi feito para propiciar um acontecimento coletivo, em que a troca fosse mais importante que as conclusões, o entrecruzar de falas de leitores mais que o de autores.

Nada teria sido possível sem o movimento intenso de uma comunidade impressionante, lançados pela proposta da FAPOL e de sua presidente, assim como da diretora do Evento, ambas criando e sustentando um espaço específico para as conversações federativas ao modo do acontecimento.

Agradeço, aqui, a seis nomes produziram o acontecimento ao dar corpo a esse coletivo imenso, ao mesmo tempo fazendo, nele, vibrar sua marca: Andrea Zelaya, Flavia Cera, Gladys Martinez, Marina Recalde, Mirmila Musse e Raquel Cors.

Seguem fragmentos do que me ficou, ao modo da peneira, como efeito clínico do trabalho nesta comissão, assim como dos efeitos dessas Conversações.

que lalíngua são marcas fixadas, escritas no corpo. São marcas da língua materna absorvidas através de fragmentos de inscrições de gozo do Outro.

Para se referir à lalíngua, Lacan recorre à célebre metáfora a que Lacan recorre, a metáfora da peneira:¹ É preciso imaginar a língua materna como uma chuva suja, carregada de lama – evidentemente, a água do Outro não é limpa -, e o corpo da criança, como uma peneira. *Lalíngua* são os detritos da chuva/linguagem que ficam na peneira. A partir delas a criança poderá sustentar um discurso, uma fala na língua, que não se confunde com as bates de gozo que a sustentam.

A metáfora nos interessa pois afasta a noção de uma impressão – da ideia de que o Outro teria nos “marcado” com as palavras dele –, se ficamos com essa versão, a criança permanece fixada no lugar de vitimizada, de traumatizada. A marca não tem sentido, tem muitos, incontáveis, potenciais. O Outro banha e, no que banha, deixa. E vivemos com o que resta dessa chuarada.

Estamos falando, portanto, de um infantil que não envelhece e que vibra, porém que não é pura liberdade. Por isso, a análise vai em direção a uma navegação nesse terreno arado pelo Outro, para se aproximar e se apropriar dos detritos do gozo.

Fazer análise é o que nos permitiria desfazer em certa medida a amarração fantasmática dessas marcas, possibilitando alguma liberação. A análise encontra o ponto em que essa fantasia se abre a algo mais, que lhe excede, mas que, ao mesmo tempo, esteve sempre ali. É um tanto de vida, de gozo – como acontecimento corporal-, não mais delimitado pelo imaginário da fantasia. Quando o programa de gozo da fantasia vacila, passa a se apresentar sem o sentido fantasmático da repetição.

Esse acontecimento de corpo não se estabiliza em uma imagem fixa e nem em um sentido específico. Como, então, falar desse gozo sem cair em abstrações?

Cada vez mais rio

De vez em quando, no meio da conversa, uma fala subverte. Subverte, porque seu referente não tem sentido: ela não se refere às coisas da vida, mas ao gozo que nos habita e que não consiste no que vivemos. A fala interpretativa nomeia esse gozo em vez de tentar dar-lhe forma ou sentido e, por isso, abre uma nova página na história. É uma fala que abre nova conversa, ou, com diz Miller - indo mais longe ao se referir ao próprio discurso analítico – é uma fala que permite “fazer de sua posição de dejetivo o princípio de um novo discurso”.²

É uma experiência alegre. De vez em quando rompemos com o sentido e, neste instante, vemos como o absurdo da vida só é doloroso porque se esperava o que nele não há: sentido.

Não se trata, entretanto, da alegria de uma pretensa liberdade originária. É preciso descrever do bom selvagem idealizado nas tentativas lúdicas da criança em sua *alfabestização*. Ela está justamente construindo, com muito esforço e pagando com sua libra de carne, um lugar para o sentido compartilhado. Nós estamos, ao contrário, destacando como se desprender do sentido.

É o que pode nos permitir gozar do absurdo da vida de modo mais leve. Nenhuma experiência nesse plano, porém, nos libertará da linguagem. Deixar as amarras do sentido, só destaca com mais veemência a relação entre lalíngua e as marcas do Outro, o modo como a vida se escreveu em nós. *Lalíngua* é feita dos trilhamentos do gozo do

Outro, mas também da ressonância dessas marcas no cruzamento entre a lalação e as palavras.³

A experiência desse fora do sentido do alfabeto da língua em nós pode não ser pura alegria, mas é vibrante - dito de outro modo: *lalíngua* ri. Tudo ocorre como indica Lacan em sua célebre passagem quanto ao riso e o gozo quando afirma que quanto mais vive o que a psicanálise lhe traz, mais se diverte. “Cada vez mais rio!”⁴

¹ Cf. Lacan, J. Conferência de Genebra. Opção Lacaniana, n. 23. São Paulo: Eolia, dezembro de 1998, p. 11.

² Miller, J.-A. *A salvação pelos dejetos*. In: Correio Nº67. Escola Brasileira de psicanálise, São Paulo, 2010, e *Le salut par les déchets*. In: Mental: Clinique et pragmatique de la désinsertion en psychanalyse, n. 24. Clamecy, avril.

³ *Lalíngua* nada é sem os ravinamentos de suas marcas. Neste sentido, embora ela nos situe em outro plano que o do “eu” e da “identidade”, não nos aproxima de modo algum do “sou o que digo” contemporâneo, pura miragem neoliberal de poder absoluto sobre o corpo. Cf. Miller, J. A. Silet, Rio de Janeiro, JZE, 2005, 183 e <https://www.causefreudienne.org/newsletters/je-suis-ce-que-je-dis-quete-insatiable-didentites/>.

⁴ Lacan, J. “Alocução sobre as psicoses da infância”. Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 361.